



Menos emergências

Céu completamente azul (*Whole Blue Sky*, 2005)
Contra a parede (*Face to the Wall*, 2002)
"Conselhos para as mulheres do Iraque" (*"Advice to Iraqi Women"*, 2003)
Menos emergências (*Fewer Emergencies*, 2001)

de Martin Crimp

Tradução | Paulo Eduardo Carvalho

Encenação | João Cardoso
Cenografia | Sissa Afonso
Figurinos | Bernardo Monteiro
Desenho de luz | Nuno Meira
Sonoplastia | João Oliveira
Composição do "Blues das entregas" | Francisco Leal
Coreografia do "Blues das entregas" | Sónia Cunha

Interpretação | João Cardoso
Micaela Cardoso
Pedro Galiza
Rosa Quiroga

Operação de luz / Figuração | Bruno Santos
Operação de som / Figuração | João Oliveira
Construção do cenário | Américo Castanheira
Fotografia de cena | Ana Pereira
Imagem gráfica | Fusellog
Produção executiva | Cláudia Pim
Produção | ASSÉDIO

Porto, 7 a 18 Novembro de 2007 | Teatro Helena Sá e Costa

Irrisões trágicas (II)

Paulo Eduardo Carvalho

Para os espectadores que tiverem visto *(A)tentados* (*Attempts on Her Life*, 1997), tanto na primeira produção da ASSÉDIO, em 2000, como na revisitação proposta em 2003, as três breves peças reunidas sob o título comum de *Menos Emergências* – a que dá o título ao espectáculo (*Fewer Emergencies*, 2001), *Contra a parede* (*Face to the Wall*, 2002) e *Céu completamente azul* (*Whole Blue Sky*, 1005) – poderão dar a aparência de três fragmentos dramáticos que tivessem sobrado ao autor durante o processo de composição daquela outra peça, que conquistou já o estatuto de clássico da nova dramaturgia britânica. Na realidade, as três peças breves que integram esta espécie de tríptico que agora se propõe apresentam um conjunto expressivo de recorrências formais e temáticas, no percurso criativo do dramaturgo.

O território volta a ser o da violência e da desolação do mundo contemporâneo. O olhar proposto é, mais uma vez, servido por um humor devastador e uma lucidez tão cruel como as realidades representadas ou, mais simplesmente, evocadas. Simultaneamente lúdicas e trágicas, estas três peças recuperam a exploração desse terreno incerto entre a narração e a representação, apostando novamente na "ausência de personagem" – ou na presentificação dessa ausência – como mecanismo determinante para a construção de uma história: tanto o adulto anónimo convertido em monstro homicida, de *Contra a parede*, como o jovem Bobby, de *Menos emergências* e de *Céu completamente azul*, que tem o mundo todo nas prateleiras do seu armário, são muito mais objectos de discursos do que sujeitos de uma qualquer discursividade própria. Mais uma vez, é um pequeno coro de vozes anónimas, entregues a uma dinâmica só aparentemente dialógica, quem nos conta estas histórias terríveis: em *Contra a parede*, quatro narradores, com um estatuto equívoco (argumentistas?, actores?, investigadores policiais?, testemunhas?), parecem querer recuperar a memória difusa da história de um homem perfeitamente "normal" que subitamente mergulhou na loucura e se entregou ao mais horrendo e abominável dos crimes, o assassinio de crianças; em *Menos emergências*, três vezes ensaiam a cínica e distópica antevisão de um mundo futuro perfeito, automatizado, limpo e luminoso, livre de todas as ameaças que nos atormentam; em *Céu completamente azul*, outras – ou as mesmas? – três vezes esboçam uma sátira aparentemente involuntária da felicidade doméstica e das imagens de contentamento que invadem o nosso mundo contemporâneo.

Com uma rara subtilidade metateatral, esta mais recente peça introduz o mecanismo das "vozes na cabeça", desse modo sugerindo a condição ambígua destas réplicas, cuja enunciação parece dever ser acompanhada pela hesitação natural de falas que se formam no ar... Na realidade, em cada um dos casos, estas vozes parecem condenadas a buscar a palavra certa, a expressão mais justa para nos relatar o que aconteceu e como aconteceu, numa extraordinária demonstração dos esforços do seu autor em encontrar, também ele, um discurso dramático para nos falar do nosso mundo. Tal como já acontecia em *(A)tentados*, esta estratégia de hipóteses e hesitações mostra-se capaz de uma surpreendente flexibilidade na acomodação de registos aparentemente muito diversos, entre a mais insuportável causticidade e selvajaria

e o exercício lúdico mais irrisório, entre a descrição mais objectiva e o delírio surrealista. A atitude narrativa é de questionamento e de dúvida, muito mais interrogativa do que afirmativa; o desafio proposto pela ficção é essa "reviravolta constante do alto e do baixo, do trágico e do cómico", um dos princípios sugeridos por Jean-Pierre Sarrazac para caracterizar a *rapsodização* contemporânea do teatro. No mesmo sentido vai a já referida coralidade, que traduz justamente um questionamento da concepção do microcosmo dramático, do estatuto da personagem e da dialéctica do diálogo. Será esta proposta de "teatro para um mundo no qual o próprio teatro morreu", como arriscava uma das vozes de *(A)tentados*, uma recusa do dramático enquanto instrumento e possibilidade?

Ou não será antes, para continuar com Sarrazac, "um espaço de tensões, de linhas de fuga, de *transbordamentos*", que busca no desvio e na variação as possibilidades de evolução de uma escrita específica para teatro?

Estas três curtas peças de Martin Crimp permitem o regresso dos criadores e intérpretes da ASSÉDIO à problematização da relação do espectador com a fábula dramática. Na perspectiva mais egoísta da criação cénica, estas mais recentes ficções do dramaturgo britânico lançam inquietantes desafios à sua figuração: como criar espaço e ressonância para este exercício de aparente não-teatro, assegurando-lhe, mais do que a viabilidade, a sua extrema pertinência e acuidade? Como garantir o efeito de "absoluta totalidade" e a "profundamente credível tridimensionalidade" tão esmagadoramente sugerida por este coro anónimo de vozes? Como assegurar, a nível da experiência cénica, a fulminante intensidade que vislumbramos nestas três breves histórias tão assombradas pela morte? Porque, embora não exista nenhuma *história* para contar, nem personagens, pelo menos não num sentido convencional, "isso não quer dizer que não seja necessária alguma habilidade. Uma vez que nós continuamos a precisar de sentir que aquilo que vemos é real. Não é só representação. É de facto mais exactidão do que representação – pela simples razão de que está realmente a acontecer" (Martin Crimp, *(A)tentados*).

Na opinião do autorizado crítico e investigador Aleks Sierz: "Estas pequenas peças não só buscam uma unidade de forma e conteúdo, mas também se oferecem como um ataque satírico a algumas das platitudes da vida nesta recente viragem de século. Juntas, confirmam a posição de Crimp como um inovador radical capaz de articular algumas das ansiedades centrais da vida suburbana britânica: um veio de temor – sobre a violência dirigida às mulheres e às crianças, o terrorismo internacional e a guerra – atravessa toda a sua obra como uma mancha negra" (Sierz, *The Theatre of Martin Crimp*, 2006).

Este espectáculo integra ainda o texto "Conselhos para as mulheres do Iraque" ("Advice to Iraqi Women"), estreado no âmbito do espectáculo *Correspondência de guerra*, produzido pelo Royal Court londrino em Abril de 2003, que se oferecia como um protesto contra a invasão do Iraque, iniciada em Março desse ano, no quadro da "Guerra ao terror" declarada pelo presidente norte-americano.

O texto de Crimp, originalmente representado a duas vozes, explora

o contraste entre a preocupação compreensível com a segurança das crianças nos países ocidentais e o sem sentido dessa mesma atitude num país bombardeado por mísseis. De forma particularmente perturbadora, a lista de recomendações domésticas elaborada pelo dramaturgo explora a metáfora da casa como um potencial "campo minado".

Martin Crimp

Martin Crimp nasceu a 14 de Fevereiro de 1956, em Dartford, Inglaterra. Concluiu os seus estudos em Literatura Inglesa, na Universidade de Cambridge, em 1978. Foi dramaturgo residente no Orange Tree Theatre, em 1988, e no Royal Court Theatre, em 1997. É autor de mais de uma dezena de peças originais: *Living Remains* (1982), *Four Attempted Acts* (1984), *A Variety of Death-Defying Acts* (1985), *Definitely the Bahamas* (1986), *Dealing with Clair* (1988), *Play with Repeats* (1989), *No One Sees the Video* (1990), *Getting Attention* (1991), *The Treatment* (1993), *Attempts on Her Life* (1997), *The Country* (2000), *Fewer Emergencies* (2001), *Face to the Wall* (2002) e *Whole Blue Sky* (2005). Tem sido igualmente responsável pela tradução, adaptação e reescrita de peças de Molière, Marivaux, Ionesco, Genet, Koltès, e Sófocles: *The Misanthrope* (1996), *The Triumph of Love* (1999) e *The False Servant* (2004), *The Chairs* (1997), *The Maids* (1999), *Roberto Zucco* (1997), *Cruel and Tender* (2004, a partir de *As Traquinias*); a que se acrescenta ainda a versão inglesa do libreto de Victor Léon e Leo Stein para a ópera de Franz Léhar, *A Viúva Alegre* (2000). Publicou alguns pequenos textos de ficção: "Stage Kiss" (1990), "Four Imaginary Characters" (2000), "Advice to Iraqi Women" (2003) e "Four Unwelcome Thoughts" (2004).

As suas peças têm sido produzidas por diversas companhias e Teatros ingleses: Orange Tree Theatre, Royal Court Theatre, Almeida Theatre, Young Vic, Royal National Theatre, Royal Shakespeare Company, Théâtre de Complicité e Chichester Festival Theatre. Martin Crimp é um dos dramaturgos ingleses contemporâneos mais representados fora do seu país, como o atestam diversas produções das suas peças nos Estados Unidos (Public Theatre, Metropolitan Opera), em Itália (Piccolo Teatro di Milano), em França (Festival d'Automne à Paris, Théâtre de La Colline, Théâtre National de Chaillot, Théâtre National de Bretagne), na Alemanha (Schaubühne Berlin, Schauspielhaus Zürich, Berliner Ensemble), na Áustria (Wiener Festwochen), etc. Igualmente reveladora é a lista de encenadores que têm colaborado na criação das suas peças: John Tydeman, Alec McCowen, Sam Walters, Lindsay Posner, Jude Kelly, Tim Albery, Simon McBurney, James Macdonald, Katie Mitchel, Jonathan Kent, Luc Bondy, Marc Paquien, Stanislas Nordey, etc.

Em Portugal, a ASSÉDIO já encenou cinco dos seus textos: *Peça com repetições*, em 1999, *(A)tentados*, em 2000 e 2003 (ambos publicados pela Campo das Letras), *No campo*, em 2003, e *Contra a parede e Menos emergências*, em 2004.

Sinopse

Contra a parede (*Face to the Wall*, 2002), *Menos emergências* (*Fewer Emergencies*, 2001) e *Céu completamente azul* (*Whole Blue Sky*, 2005), de Martin Crimp, constituem uma espécie de tríptico sobre a violência e a desolação contemporânea, um tema amplamente explorado em anteriores trabalhos da ASSÉDIO. Com uma lucidez cruel e um humor devastador, simultaneamente lúdicas e trágicas, estas três breves peças oferecem-se como uma tripla possibilidade de abordagem caleidoscópica da complexidade do mundo contemporâneo. *Contra a parede* parece recuperar uma memória difusa, a de um homem perfeitamente "normal"

que mergulha na loucura e se entrega ao mais abominável dos crimes: o assassinio de crianças. *Menos emergências* prolonga a cínica e distópica antevisão de um mundo futuro perfeito. *Céu completamente azul* satiriza as imagens de felicidade doméstica dominantes no Ocidente. Embora ficções autónomas, estas três peças partilham métodos de composição e de funcionamento dramaturgico semelhantes, apostando num tão fascinante como provocador esbatimento das fronteiras entre representação e narração, um outro território teatral familiar nos trabalhos desta companhia. O espectáculo integra ainda o texto *Conselhos para as mulheres do Iraque* (*Advice to Iraqi Women*, 2003), que explora o contraste entre a preocupação compreensível com a segurança das crianças nos países ocidentais e o sem sentido dessa mesma atitude num país bombardeado por mísseis.

Na posição do argumentista

João Cardoso

Voltar aos textos de Martin Crimp.

Acho que já escrevi isto várias vezes, e de cada vez as imagens são diferentes, mas estranhamente coincidem todas nos mesmos pormenores, o desenvolvimento dos argumentos, as personagens a confundirem-se com o texto. O fio da navalha em que construímos o trabalho é deveras estreito.

Quatro textos, *Céu completamente azul*, *Contra a parede*, *Conselhos para as mulheres do Iraque* e *Menos emergências* constituem o nosso espectáculo **Menos Emergências**.

A proposta de trabalho foi a de encararmos estes fragmentos dramáticos como mais um jogo na busca das palavras exactas, da descrição do *cenário* mais adequado. O esforço foi o de nos colocarmos na posição do próprio *argumentista*, na sua posição simultaneamente empenhada e distanciada perante a história. E as histórias de Crimp são sempre simultaneamente lúdicas e agrestes, divertidas e perturbadoras.

Os actores são aqui chamados não a encarnar as tradicionais personagens motoras da acção e a (re)viver os seus dramas, mas antes a narrar as suas *façanhas*; não a tomar partido por este ou aquele, mas a manter como que uma *frívola* distância do que nos contam, contornando os variados *sensacionalismos* que dominam a nossa percepção da realidade.

Contar de novo na ASSÉDIO com a Micaela Cardoso e o Pedro Galiza, para a produção deste espectáculo, é um prazer renovado, pela disponibilidade e seriedade com que encaram o trabalho.

Ao João Pedro Vaz, a quem fui *buscar* algumas personagens para este espectáculo.

Agradecimentos

Ana Margarida Vaz
António Durães
Cristina Costa
João Pedro Vaz
Lígia Roque
Manuela Ferreira
Paulo Cardoso
Paulo Freixinho
Rute Pimenta

Helena Morgado
Jorge Paupério
Paulo Eduardo Carvalho